

Katherine  
Mansfield

P E N G U I N



C L Á S S I C O S

As Filhas  
do Falecido Coronel

N.º 2

«Vamos ser  
fracas, está  
bem, Jug?  
Ser fraco é  
muito mais  
agradável  
do que ser  
forte.»

KATHERINE MANSFIELD

Nasceu em 1888, Wellington, Nova Zelândia

Morreu em 1923, Fontainebleau, França

Este conto, escrito em 1920 por Katherine Mansfield  
e incluído na antologia *Festa no Jardim e Outros Contos*,  
foi originalmente publicado em maio de 1921  
no jornal literário *London Mercury*.

A semana a seguir foi uma das mais atarefadas da vida delas. Mesmo quando iam dormir, só os corpos se deitavam e descansavam; a cabeça continuava a trabalhar, refletindo sobre as coisas, problematizando, questionando-se, decidindo, tentando recordar onde...

Constantia estava deitada como uma estátua, com as mãos junto ao corpo e um pé por cima do outro, coberta até ao queixo com o lençol. Olhava fixamente para o teto.

– Achas que o pai se importaria, se eu desse o chapéu alto ao porteiro?

– Ao porteiro? – reagiu Josephine. – Mas por que diabo ao porteiro? Que ideia tão extraordinária!

– Porque – respondeu Constantia, devagar – ele deve ter de ir muitas vezes a funerais. E reparei

que no... no cemitério, trazia um chapéu de coco. — Fez uma pausa. — Na altura, pensei que poderia gostar de ter um chapéu alto. Além disso, devíamos dar-lhe um presente. Sempre foi muito simpático com o pai.

— Mas — exclamou Josephine, emergindo bruscamente da almofada e olhando para Constantia no escuro — pensa na cabeça do pai! — E, de repente, durante um momento horrível, quase deu uma gargalhadinha. Não, claro, que sentisse a mínima vontade de rir. Devia ser por hábito. Dantes, quando ficavam acordadas de noite a falar, as camas até tremiam por elas se rirem tanto. E imaginar a cabeça do porteiro a desaparecer, apagada como uma vela, debaixo do chapéu do pai... A gargalhada subiu, subiu; ela cerrou as mãos; resistiu; fez uma careta feroz no escuro e disse, em tom extremamente severo: — Não te esqueças.

— Podemos decidir amanhã — disse.

Constantia não tinha reparado no que se passara; suspirou.

— Será melhor mandarmos tingir também os robes?

— De preto? — quase guinchou Josephine.

– Bem, de que outra cor poderia ser? – perguntou Constantia.

– Estive a pensar... De certo modo, não parece muito sincero usarmos preto fora de casa e quando nos vestimos a rigor, e depois, em casa...

– Mas ninguém vê – disse Josephine. Torceu a roupa da cama de tal modo, que os seus dois pés ficaram destapados, e teve de se puxar para cima das almofadas para os voltar a cobrir.

– A Kate vê – disse Constantia. – E é bem provável que o carteiro também veja.

Josephine pensou nos chinelos grená, a condizer com o robe, e também nos chinelos preferidos de Constantia, num tom verde indefinido, da mesma cor do robe dela. Preto! Dois robes pretos e dois pares de chinelos pretos lanugentos, avançando sorrateiramente para a casa de banho, como gatos pretos.

– Não acho imprescindível – disse ela.

Silêncio. Depois Constantia disse:

– Amanhã vamos ter de enviar pelo correio os jornais com o aviso, para apanharmos o correio de Ceilão... Quantas cartas já recebemos?

– Vinte e três.

Josephine tinha respondido a todas, e, nas vinte e três vezes, sempre que chegara à parte em que dizia «sentimos muita falta do nosso pai», desatara a chorar e tivera de usar o lenço; em algumas cartas, até fora preciso secar com a ponta do mata-borrão uma lágrima azul-clara muito leve. Estranho! Não era possível fingir aquela reação — mas tinham sido vinte e três vezes! Mesmo agora, apesar de tudo, se pensasse tristemente, com os seus botões, «sentimos muita falta do nosso pai», choraria, se quisesse.

— Tens selos suficientes? — perguntou Constantia.

— Oh, como saber? — retorquiu Josephine em tom zangado. — De que serve perguntares isso agora?

— Estava só a pensar — respondeu Constantia, brandamente.

Silêncio outra vez. Depois ouviu-se um leve roçar, passos precipitados, um saltinho.

— Um rato — disse Constantia.

— Não pode ser um rato porque não há migalhas por aqui — salientou Josephine.

— Mas o rato não sabe isso — retorquiu Constantia.

Um espasmo de pena apertou-lhe o coração. Coitadinho! Desejou ter deixado um pedacinho de biscoito

no toucador. Era horrível pensar que não encontraria nada. O que faria?

– Não percebo como conseguem sobreviver sequer – disse devagar.

– Quem? – exigiu saber Josephine.

E Constantia respondeu, mais alto do que pretendia:

– Os ratos.

Josephine ficou furiosa.

– Oh, que disparate, Con! – disse. – O que têm os ratos que ver com este assunto? Já estás a dormir.

– Acho que não – disse Constantia. Fechou os olhos para confirmar.

Estava.

Josephine arqueou as costas, puxou os joelhos para cima, cruzou os braços de modo a ficar com os punhos debaixo das orelhas e pressionou vigorosamente a almofada com a face.

Outra coisa que complicava a situação era terem a enfermeira Andrews ali esta semana. A culpa era delas; tinham-na convidado. A ideia fora de Josephine. De manhã – bem, na última manhã, depois de o médico se ter ido embora, Josephine perguntou a Constantia:

«Não achas que seria simpático convidarmos a enfermeira Andrews para passar aqui uma semana?»

«Muito simpático», respondeu Constantia.

«Pensei», continuou Josephine rapidamente, «em dizer-lhe assim esta tarde, quando lhe pagasse: “Depois de tudo o que fez por nós, enfermeira Andrews, a minha irmã e eu ficaríamos muito contentes se passasse aqui uma semana como convidada.” Teria de salientar que ficaria como convidada, só para o caso de...»

«Oh, mas ela não esperaria que lhe pagássemos!», exclamou Constantia.

«Nunca se sabe», retorquiu Josephine em tom sábio.

A enfermeira Andrews, claro, tinha aceitado imediatamente. Mas era um transtorno. Queria dizer que teriam de fazer refeições à mesa e a horas certas, enquanto, se estivessem sozinhas, poderiam simplesmente perguntar a Kate se ela não se importava de lhes levar um tabuleiro ao sítio onde estivessem. E as refeições, depois daquela tensão, eram um verdadeiro suplício.

A enfermeira Andrews tinha uma atitude simplesmente temível em relação à manteiga. Era realmente inevitável sentirem que, pelo menos no que tocava à manteiga, ela se aproveitava da generosidade delas. Além de ter aquele hábito exasperante de pedir mais um naco de pão para acabar a manteiga que tinha no prato, para depois, na última dentada, distraidamente — mas claro que sem estar distraída — se voltar a servir! Josephine ficava muito vermelha quando isso acontecia; pregava os olhos pequenos e redondos na toalha, como se estivesse a ver ali um inseto estranho e minúsculo a rastejar. Mas a cara comprida

e pálida de Constantia alongava-se e petrificava-se, ao mesmo tempo que ela desviava o olhar — para longe — até para lá do deserto, até ao sítio onde uma caravana de camelos se desfiava como um novelo de lã...

— Quando estava com a Lady Tukes — disse a enfermeira Andrews —, ela tinha um apetrecho tão engraçado para a manteiga! Era um cupido de prata, empoleirado na borda de um prato de vidro, com um garfinho minúsculo na mão. Quando alguém queria manteiga, pressionava o pé do cupido, e ele baixava-se e servia um pedacinho. Era tão divertido!

A Josephine, custava muito suportar isto, mas limitou-se a comentar:

— Acho essas coisas muito extravagantes.

— Mas porquê? — perguntou a enfermeira Andrews, olhando através dos óculos. — De certeza que ninguém tiraria mais manteiga do que a necessária... não é?

— Toca a campainha, Con! — exclamou Josephine. Não confiava o suficiente em si própria para responder.

Então a orgulhosa e jovem Kate, princesa encantada, entrou para ver o que aquelas velhas caquéticas

queriam agora. Levantou bruscamente os pratos em que tinham comido a imitação de qualquer coisa e, às três pancadas, serviu um manjar-branco pálido e assustado.

— Compota, por favor, Kate — pediu Josephine, amavelmente.

Kate ajoelhou-se, abriu o aparador com estardalhaço, levantou a tampa do frasco de compota, constatou que estava vazio, pousou-o em cima da mesa e pôs-se a andar.

— Receio — disse a enfermeira Andrews um momento depois — que tenha acabado.

— Oh, que maçada! — disse Josephine. Mordeu o lábio. — Como será melhor fazermos?

Constantia ficou com ar de dúvida.

— Não podemos incomodar a Kate outra vez — disse suavemente.

A enfermeira Andrews esperou, sorrindo para ambas. O olhar dela não parava, vigiando tudo por trás dos óculos. Em desespero, Constantia regressou aos camelos. Josephine franziu o sobrolho vigorosamente — concentrada. Se não fosse aquela mulher idiota, ela e Con poderiam, claro, comer o manjar-branco sem compota.

Ocorreu-lhe uma ideia de repente.

— Já sei — disse. — Doce de laranja. Ainda há no aparador. Vai buscar, Con.

— Espero... — riu-se a enfermeira Andrews, com um riso que soou como uma colher a tilintar contra um frasco de remédio —, espero que não seja muito amargo.

### III

Enfim, já faltava pouco para se ir embora de vez. Além disso, era inegável que tinha cuidado admiravelmente bem do pai. Perto do fim, acompanhara-o noite e dia. Aliás, em privado, tanto Constantia como Josephine haviam comentado que nos últimos dias até tinha exagerado, mantendo uma presença constante até aos derradeiros momentos. Isto porque, mesmo quando tinham entrado para se despedirem, a enfermeira Andrews continuara sentada ao lado da cama, pegando-lhe no pulso e fingindo verificar o relógio. Não acreditavam que fosse necessário. Além disso, que falta de tato! E se o pai tivesse querido dizer alguma coisa — qualquer coisa só às duas filhas? Não que tivesse dito. Oh, longe disso! Continuara deitado, roxo, com um tom púrpura-escuro e zangado no rosto, e nem sequer tinha olhado para elas quando

entraram. Nessa altura, enquanto estavam ali de pé, sem saberem o que fazer, abriu um olho de repente. Oh, que diferença teria feito, que diferença para a memória que guardariam dele! Teria sido bem mais fácil contar às pessoas se ele tivesse aberto os dois! Mas não — só abriu um. Fixou-as furiosamente por um momento e depois... apagou-se.

#### IV

Foi bem desconfortável para elas quando o Sr. Farolles, da igreja de St. John, lhes fez uma visita nessa mesma tarde.

– O fim foi tranquilo, imagino? – Foram as primeiras palavras que disse, quando deslizou em direção a elas através da sala de visitas.

– Sim – respondeu Josephine debilmente. Ficaram as duas cabisbaixas. Ambas tinham a certeza de que não havia paz naquele olho.

– Não se quer sentar? – perguntou Josephine.

– Obrigado, menina Pinner – respondeu o Sr. Farolles com gratidão. Levantou a parte de trás do casaco e preparava-se para se sentar na poltrona do pai, mas, no exato momento em que lhe tocou, levantou-se com um salto e deslizou para a cadeira mais próxima.

Tossiu. Josephine enlaçou as mãos; Constantia estava com ar distante.

— Quero que sinta, menina Pinner — disse o Sr. Farolles —, e a menina Constantia também, que estou a tentar ajudar. Quero ser útil a ambas, se me permitirem. Nestas ocasiões — declarou o Sr. Farolles de modo muito simples e sincero —, Deus quer que nos ajudemos uns aos outros.

— Muito obrigada, Sr. Farolles — disseram Josephine e Constantia.

— De nada — respondeu o Sr. Farolles suavemente. Ajeitou as luvas de pelica nos dedos e inclinou-se para a frente. — E, se alguma das meninas quiser comungar, as duas, ou só uma, só precisa de dizer. Muitas vezes comungar ajuda... é um grande consolo — acrescentou docemente.

Mas a ideia de comungar deixava-as apavoradas. O quê? Ali sozinhas na sala de visitas... sem... sem altar nem nada! O piano seria demasiado alto, pensou Constantia, e o Sr. Farolles não poderia apoiar-se nele com o cálice. E de certeza que Kate entraria por ali dentro e os interromperia, pensou Josephine. E se a campainha tocasse a meio? Podia ser alguém importante...

por causa do luto. Poderiam levantar-se reverentemente e sair, ou teriam de esperar... sofrendo torturas?

– Mais tarde, podem mandar um recado pela boa Kate, se quiserem – disse o Sr. Farolles.

– Oh, sim, muito obrigada! – disseram ambas.

O Sr. Farolles levantou-se e tirou o chapéu preto de palha de cima da mesa redonda.

– E, quanto ao funeral... – acrescentou suavemente. – Se quiserem, posso tratar disso... enquanto velho amigo do vosso querido pai e também das meninas Pinner e Constantia.

Josephine e Constantia levantaram-se também.

– Quero que seja muito simples – declarou Josephine com firmeza – e não demasiado caro. Ao mesmo tempo, quero...

«Uma coisa de qualidade, resistente», pensou a sonhadora Constantia, como se Josephine estivesse a comprar uma camisa de noite. Mas claro que Josephine não disse isso.

– Que esteja à altura do nosso pai. – Estava muito nervosa.

– Vou passar pela casa do Sr. Knight, vosso bom amigo – disse o Sr. Farolles de modo apaziguador.

*Katherine Mansfield*

— Vou pedir-lhe que venha cá. De certeza que vos será bem útil.



P E N G U I N  
L I T T L E B L A C K  
C L A S S I C S

P E N G U I N  C L Á S S I C O S

N.º 2

## As Filhas do Falecido Coronel

Que portas se fecham – e que janelas  
se abrem – nas vidas de duas irmãs em luto  
pela morte do velho pai, o coronel?



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

  penguinlivros

ISBN: 978-989-583-902-5



9 789895 839025